



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

João Gabriel Felix Torres

SÍNDROME DE TOURETTE:

Normalidade ou loucura?

Rio de Janeiro

2023

João Gabriel Felix Torres

SÍNDROME DE TOURETTE:

Normalidade ou loucura?

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Orientador(a): Wallace Lopes Silva

Co-orientador(a): Marcello de Moura Coutinho

Rio de Janeiro

2023

João Gabriel Felix Torres

SÍNDROME DE TOURETTE:

Normalidade ou loucura?

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Aprovado em 08/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Wallace Lopes Silva
Orientador
EPSJV/FIOCRUZ

Marcello de Moura Coutinho
Professor convidado
EPSJV/FIOCRUZ

Reinaldo Santos De Oliveira Souza
Professor convidado
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2023

*Dedico esse trabalho a
Todas as pessoas que sofreram e sofrem diariamente
apenas por serem pessoas reais*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, dona Christiane Felix, que mesmo com poucos recursos na sua formação de cidadã e acadêmica, pode proporcionar qualidade de vida para mim e meus irmãos, qualidade essa que vai além do luxo, abrange desde o conforto até a camada mais funda do emocional e a partir desta rede de apoio formada por ela eu pude chegar até aqui onde estou atualmente tendo a oportunidade de defender a minha monografia.

Agradeço aos meus amigos (adolescentes) que fizeram e fazem parte de toda essa jornada até aqui, fazendo parte não só da minha vida acadêmica mas também pessoal, serei eternamente grato por ter recebido a oportunidade de dividir minha vida com vocês, mesmo eu sendo chato e reclamando de tudo diversas vezes em um único dia. Não consigo descrever a falta que já estou sentindo de vocês, ainda não consigo imaginar um futuro no qual vocês não serão presentes.

Agradeço ao meu orientador, Wallace Lopes, por todo o conhecimento recebido, conhecimento além do acadêmico, algo que me servirá para a vida. Sou grato por ter conhecido o senhor e por toda paciência e vontade de me ajudar, sei que não sou o aluno perfeito e não acho que você busque por alunos perfeitos, garanto que mesmo com todos os problemas enfrentados eu consegui sempre absorver a melhor parte deles agregando aprendizado com meus erros, portanto, muito obrigado por ser essa pessoa incrível e também por toda ajuda que você me deu durante esses longos dois anos.

Agradeço a minha família, meus irmãos e irmã, que muitas vezes mesmo sem garantia de sucesso nos meus caminhos sempre me apoiaram e ajudaram.

Encerro meus agradecimentos, agradecendo também o meu pai, Francisco Wellington que mesmo sendo bastante intransigente e rígido, eu sei que tudo isso é almejando um futuro brilhante para mim.

Epígrafe

Michel Foucault

A norma, está inscrita entre as “artes de julgar”, ela é um princípio de comparação. Sabemos que tem relação com o poder, mas sua relação não se dá pelo uso da força, e sim por meio de uma espécie de lógica que se poderia quase dizer que é invisível, insidiosa.

RESUMO

A presente monografia propõe problematizar os efeitos da síndrome de Tourette na vida social, cultural e psíquica dos indivíduos portadores de dificuldades cognitivas sendo rotulados como tiques repetitivos motores e sonoros vulgarmente enquadrados enquanto “*anormais*”. Logo, iremos investigar o conceito de loucura, normalidade, corpos dóceis e dispositivos de controle no filósofo Michel Foucault. Portanto utilizamos uma análise qualitativa, levantamento bibliográfico e revisão conceitual da Literatura presente encontrada em artigos acadêmicos, Scielo e veículos midiáticos.

Palavras-chave: Síndrome de Tourette, normalidade, loucura e sociedade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|----------------------------------------|----|
| Figura 1 – Leandro França (psiu) | 00 |
|----------------------------------------|----|

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 17 |
| 1.1. OBJETIVOS | 19 |
| 1.1.1. OBJETIVO GERAL | 19 |
| 1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 19 |
| 2. METODOLOGIA | 20 |
| 3. CAPÍTULO 1 | 21 |
| 4. CAPÍTULO 2 | 23 |
| 4.1. As técnicas de controle disciplinar | 27 |
| 4.2. A reprodução das disciplinas | 29 |
| 5. CAPÍTULO 3 | 31 |
| 5.1. Analítica do poder | 38 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| REFERÊNCIAS | 43 |

1. INTRODUÇÃO

O comportamento humano e as suas estruturas da mente sempre foram tratadas no cunho de casos isolados sem o entendimento de sua complexidade, ao tratar disso no final do século XIX e início do século XX, a Neuropsicologia e a Neurociência abriram novas possibilidades de entender repetições psíquicas no corpo sendo efeito de distúrbios mentais, nesse caso a Síndrome de Tourette, que aparece em 1825 com a análise de tal efeito na paciente Marquesa Dampierre, entendida na época como distúrbio patológico. Por outro lado, ao tratarmos de modo introdutório sobre Síndrome de Tourette os autores da neuropsicologia tratam tal fenômeno desordem neurológica e problemas funcionais e estruturais no circuito córtico-estriato-tálamo-cortical gerando dificuldades nas relações socioafetivas e familiares comprometendo e suprimindo os impulsos premonitórios para o movimento:

“uma doença neurológica não degenerativa, mas potencialmente incapacitante e capaz de gerar grave disfunção psicossocial e física, nomeadamente devido aos tiques motores e sonoros, simples e complexos, estando frequentemente associada a uma diversidade de comorbidades”, assim define Singer (2011), a Síndrome de La Tourette (ST). A doença neurológica foi descrita no século XIX, na França, por Georges Albert Gilles de La Tourette, e desde então tem sido estudada no mundo, incluindo pesquisas sobre causas, sintomas e tratamento (RODRIGUES, SANTOS, p.2, 2021).

Avançando neste sentido, a ideia de normalidade no final do século XX no ocidente demarcado pelo iluminismo e racionalismo construiu para o filósofo Michel Foucault um discurso da normalidade patológica que interditou a vida dos indivíduos:

Nesse caso, mudam-se apenas as caras: do internamento ao hospital psiquiátrico. A separação entre o "homem moderno" e o "anormal" acontece na medida em que antes de um saber racional, o considerado louco era posto como o enganado, aquele que se enganava e era designado aos internamentos como forma de banir e suscitar o desconhecido nestas pessoas. Portanto, para Foucault, este poder que a sociedade manteve em banir o considerado diferente, foi necessário para constituir este saber positivo que posteriormente se apropriou da experiência da loucura e a manteve facetada de representações. (NUNES, PORTO, p.22, 2021).

Portanto, o discurso da normalidade torna-se um projeto político atrelado ao pensamento da medicina social que ratificou práticas no campo da psiquiatria e da eugenia na produção do imaginário popular:

Na Idade Média até parte do Renascimento, o louco se encontrava como figura do cotidiano da cidade; dentro da sua própria linguagem estava conectado ao mundo e tinha o papel de trazer para o consciente discursos que grande parte da sociedade hesitava

em expressar. O desatino era interpretado por uma ação, discurso que aproximava o ser humano de sua mortalidade; significava um enfrentamento com a morte, uma realidade que todos buscavam se distanciar, mas, o desatinado, tinha o papel de retirar esse véu de ilusão. (NUNES, PORTO, p.19, 2021).

Neste sentido, os discursos de normalidade assumem uma lógica positivista na construção dos tipos sociais mediados pela ideia de razão e loucura:

Num certo sentido, o internamento e todo o regime policial que o envolve servem para controlar uma certa ordem na estrutura familiar, que vale ao mesmo tempo como regra social e norma da razão. A família, com suas exigências, tornasse um dos critérios essenciais da razão; é ela, sobretudo, que pede e obtém o internamento. (FOUCAULT, 1978, p. 102).

Por outro lado, no **capítulo 1** apresentamos o conceito de normalidade em Foucault tentando ler a questão da “*Normose*” e sua relação com a síndrome de Tourette que ainda se encontra enquanto uma literatura aberta gerando fenômenos mecânicos como tiques motores e vocais. No **capítulo 2**, evidenciamos o conceito de ‘corpos dóceis’ já revisado na literatura dando foco ao entendimento do corpo modelado por uma educação normativa. No **capítulo 3**, abordamos o conceito “dispositivos de controle” como técnica de organização dos indivíduos na sociedade.

Logo evidenciamos personagens ao longo da história que evidenciaram tal síndrome recentemente clinicável e rotulada enquanto tiques vocais e motores. O desconhecimento da síndrome revela todo um histórico de preconceitos e falta de compreensão de análise científica. Essa monografia por sua vez trouxe uma reflexão dos conhecimentos de fronteira, possibilidade de terapias alternativas e revisão bibliográfica evidenciando conceitos como a luz de Michel Foucault: corpos dóceis e dispositivos de controle.

1.1.OBJETIVOS

1.1.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta monografia foi compreender e estudar os impactos da síndrome de Tourette na vida social e pessoal do portador. Logo, identificamos este fenômeno no campo cultural entendendo tal manifestação a partir do conceito de normalidade, corpos dóceis e dispositivos de controle que foi problematizado a partir de Michel Foucault.

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Definir o conceito de síndrome de Tourette.

Identificar as consequências causadas pelos tiques motores e vocais da síndrome de Tourette na vida social e pessoal do portador.

Apresentar personagens da literatura e do cenário midiático que sofreram ou sofrem de tal síndrome.

Evidenciar o conceito de normal e patológico de Michel Foucault.

Identificar propostas que auxiliem o tratamento ao longo prazo dessa síndrome.

2. METODOLOGIA

A metodologia desta monografia utilizou um breve levantamento bibliográfico acerca do debate a respeito do fenômeno da Síndrome de Tourette presente no campo da neuropsicologia dialogando com o campo da filosofia, psicologia e sociologia. Deste modo o percurso metodológico irá se basear com o uso da ferramenta qualitativa no que norteia o tema tratado, sendo dividido em três eixos: (1) investigação de bancos de artigos sobre o fenômeno da Síndrome de Tourette (2) fichamento e resenha (3) e debate bibliográfico sobre os autores. Para realizarmos a revisão bibliográfica serão utilizados artigos, teses, livros, textos científicos, filmes, podcasts, periódicos, dissertações e documentos, que serão encontrados em bancos de teses e dissertações, bibliotecas virtuais e presenciais, plataformas de audiovisual como: scielo; periodicos capes; ibict bdt; bibliotecas de audiovisuais; google acadêmico entre outros.

3. CAPÍTULO 1 - O conceito de “normalidade” em Foucault:

Ao longo do século XIX e, principalmente com o resultado da revolução industrial, Foucault indica que houve nesse momento na história ocidental o nascimento de instituições para além do estado burguês e da igreja que moldaram tipos de comportamentos sociais onde se cristalizaram no âmbito da família normativa. Isto é o modelo de normalidade formata uma ideia de tempo, corpo, desejo e sanidade mental. Logo, Foucault menciona nesse trecho:

(...) normalidade poderia ser considerada igual a saúde? E se o padrão normal de comportamentos e atitudes de uma dada sociedade for doentio? E se a sociedade for doente? Definir o que é normal e diferenciá-lo do que é patológico pode ser algo de extrema complexidade, independentemente do ângulo de aproximação que se utilize, sendo o entendimento dificultado devido a muitos dos termos usualmente utilizados em tais definições carecerem de um sentido universal no que se refere ao seu uso e a sua aceitação (MELO, ARAÚJO, COSTA, 2010, S/P)

Retomando o pensamento do filósofo, toda normalidade formata a ideia dos indivíduos em uma única hipótese em torno do projeto de *normose* construído dentro do sujeito social delimitado a partir do discurso da ordem estabelecida. Desta forma, o conceito de normose nos ajuda a elucidar:

(...) A própria definição de normalidade a partir da frequência de determinados fatos, ou condições, observados em certas populações, já introduz o conceito de que aquilo que é normal em dadas sociedades pode ser entendido de forma diferente em outras, a partir de diferenças culturais, o que se acentuará a partir do momento em que a ideia de normal seja entendida como juízo de valor. (MELO, ARAÚJO, COSTA, 2010, S/P)

Portanto, é na normose que a sociedade realiza o processo de manutenção das regras vigentes, ou seja, “normal” é o que o grupo em questão estabelece mediante a regra vigente. Explicando de um outro jeito, é no grupo que o indivíduo se torna socializado nas práticas discursivas de regras que agem no corpo, na mente e no comportamento coletivo. Sobre isso Canguilhem nos alerta da discussão de normal e patológico:

(...) Em outros termos, saúde é a inconsciência do corpo, uma vez que lembramos de determinado órgão de nosso corpo apenas quando este começa a doer. Assim sendo, pode-se dizer que, a consciência do corpo é despertada pelos limites impostos à saúde, ou seja, pela doença, seus sofrimentos e suas dores. A ocorrência patológica apenas pode ser assim compreendida ao nível da totalidade orgânica como também da experiência que os indivíduos têm de suas relações de conjunto com o meio. Para Canguilhem, o conceito de normalidade que a medicina e a fisiologia estariam utilizando, seria um julgamento de realidade. (MELO, ARAÚJO, COSTA, 2010, S/P)

Em ambos os autores, a ideia do normal ocorre no momento em que as instituições modelam os indivíduos com práticas punitivas caso o mesmo se oponha às regras universais estabelecidas no controle da coletividade em questão. Essa coletividade restringe qualquer possibilidade da singularidade se opor ao entendimento do que as formas normativas nos ordenam. Através disso, que a normalidade não é uma lei natural, e sim uma coerção punitiva a ser aplicada:

(...) A norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de inteligibilidade; é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado (Foucault M. Os anormais. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes; 2002.)

Após o esclarecimento realizado até o momento, é importante indagar, como a normose dada como fator punitivo das regras morais conduz um conjunto de concepções que anulam a individualidade em prol de uma falsa ideia de ser inserido no coletivo. Vale ressaltar, segundo os filósofos citados, que qualquer comportamento que fuja do sentido hegemônico do normal, será intensamente massacrado pelo modelo vigente em curso.

Leandro França (Psu) é um dos portadores da síndrome de Tourette e também um dos motivadores à realização deste trabalho de pesquisa, e para podermos materializar um pouco mais esta pesquisa será apresentado um pouco da vivência de portador em uma sociedade carente de informação, o mesmo viraliza nas redes sociais compartilhando vídeos da sua vivência sendo portador dessa síndrome recentemente clinicável.

Através do seu cotidiano relatado em vídeo, torna-se perceptível a extrema carência da disseminação de informação na sociedade atual, que através da ignorância compartilhada por uma grande maioria dos indivíduos presentes na sociedade, ocasiona a exclusão e o mal-estar destas pessoas, fazendo que isto se enquadre como um fato social, assim como descrito por Durkheim anteriormente. Nesta perspectiva Durkheim apud Mendes (2011, p.11):

“um fato social é reconhecido pelo poder de “coerção externa e geral “que exerce sobre indivíduos; e a presença desse poder é, por sua vez, reconhecida ou pela existência de alguma sanção definida, ou pela resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violá-lo.”

Portanto, o “fato social” de Durkheim torna a desinformação em algo comum no meio social, possibilitando que a realidade seja corrigida pelo modelo das instituições; ou seja são as instituições que modelam a ideia de normalidade assim como podemos ver no controle das repetições que o indivíduo portador da síndrome de Tourette produz no corpo biológico.



Fonte: reprodução Instagram / Leandro França (PsIU).

4. CAPÍTULO 2 – Corpos dóceis:

Vigiar e Punir nos mostra que durante a época clássica aparece uma nova mecânica do poder, onde há uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Nos séculos XVII e XVIII as disciplinas tornaram-se fórmulas diretas de dominação, com métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo. Foucault situa essa dominação do corpo, através de uma pesquisa genealógica sobre as transformações históricas. A Idade Clássica traz consigo uma nova tecnologia de poder, onde o corpo vai ser inserido num campo de conhecimento.

A aula inaugural de 1971 no Colégio da França, posteriormente publicada com o título A ordem do discurso, junto com os livros Vigiar e Punir (1974) e a Vontade de saber (1976) estabelecem uma nova metodologia que Foucault chama de genealogia. Logo após, vêm as obras, O uso dos prazeres e O cuidado de si, e os cursos do Colégio da França de 1981 a 1984, que são voltados às discussões sobre as práticas de si.

Para Roberto Machado [1], as obras de Foucault são usualmente distribuídas em três eixos metodológicos, com diferentes ênfases chamadas de Arqueologia, Genealogia e Ética. As obras de análise arqueológica são encontradas nos primeiros livros de Foucault. Essas obras são as que têm uma preocupação com as camadas de saber e as práticas discursivas: História da loucura (1961), O nascimento da clínica (1963) e As palavras e as coisas (1966). Essas obras são sucedidas pela Arqueologia do saber (1969), que pode ser entendido como um livro de reflexão metodológica, onde Foucault irá responder às críticas feitas a ele sobre os livros anteriores, principalmente As palavras e as coisas (MACHADO, 2002, p. 40).

Em Vigiar e Punir uma genealogia do poder percorre a história do nascimento das prisões. Foucault vai mostrar como, no decorrer do século XVIII, as formas pelas quais o poder de punir o corpo avança até o fim do mesmo século, chegando a uma nova maneira de punir, que carrega em si o caráter normativo da lei. A punição do corpo que se dava através dos suplícios, vai-se acabando.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade e utilidade, é o que podemos chamar de “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Foucault situa o momento histórico das disciplinas no momento em que nasce uma arte do corpo humano, visando um aumento de suas habilidades através do exercício e mais ainda

aprofundar sua sujeição, levando o corpo a uma relação que o torna tanto mais obediente quanto mais útil (FOUCAULT, 1987, p. 127). “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 1987, p. 127). Mas essa mecânica do poder não nasceu de uma hora para outra, o que Foucault retrata é um momento histórico em que esses mecanismos se tornaram mais necessários. Desde muito cedo já era possível encontrar esses mecanismos em instituições como colégios; mais tarde nas escolas primárias; logo após lentamente no espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos, reestruturaram a organização militar (FOUCAULT, 1987, p. 127). O que interessa saber é como essas características do poder podem ser captadas dentro da instituição escolar.

Foucault não deu grande ênfase ao estudo das instituições pedagógicas, mas podemos encontrar em *Vigiar e Punir*, especialmente na parte que trata dos “corpos dóceis”, uma série de referências que Foucault faz ao campo escolar como modelo de disciplina. Como a disciplina é em primeiro lugar uma organização do espaço, podemos encontrar nas escolas toda uma organização celular, que divide o alunado por classes, hierarquia que separa por idade, matérias a serem lecionadas. A organização celular permite um maior controle de cada um e o aproveitamento ao mesmo tempo de todos. A distribuição das carteiras em sala de aula, a demarcação de cada carteira se faz necessária para manter maior controle sobre os que faltam. O grande alunado desgovernado e uniforme é transformado em uma multiplicidade ordenada. Foucault expressa bem essa ideia quando diz que,

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar (FOUCAULT, 1987, p. 134).

Foucault descreve a evolução do uso da disciplina e suas ferramentas, no processo de fabricação dos corpos dóceis. Durante a época clássica foi descoberto o corpo como objeto e alvo de poder, um corpo que se manipula, modela e responde.

Os processos de subjetivação dos seres humanos – pelo emprego de relações de poder sobre o corpo – só podem ser entendidos como mecanismos sociais partindo do princípio de que tal corpo apresenta aspectos, formas de percepção e inserção constantes para o exercício de relações de

poder. Dito de outra maneira, o corpo do ser humano (ou, melhor dizendo, uma concepção de corpo) deve apresentar maneiras e estruturas mais ou menos constantes e uniformes.

Esse esquema de docilidade corporal sofreu modificações no século XVIII com o uso de novas técnicas. A escala é trabalhada de maneira mais detalhada e o objeto visando maior eficiência, é o uso da coerção, para o aprimoramento corporal. É a disciplina como uma arte de um corpo, em que o aumento da obediência se concentra no aumento da utilidade.

A anatomia política como é chamado esse desmembramento e reconstrução corporal para aperfeiçoar e dominar, não é algo totalmente inovador. Instituições militares e de ensino já faziam uso de ferramentas disciplinares e princípios institucionais religiosos. Do estudo do detalhe, sem dúvida, nasceu o humanismo moderno.

Das técnicas para a coerção disciplinar é importante controlar o espaço, distribuição, tempo, do ambiente de trabalho e dos trabalhadores, assemelhando a engrenagens de uma máquina.

Buscando um corpo mecânico, projeto na perfeição disciplinar, apareceu um novo objeto, o corpo natural. O processo de repetição e enquadramento, exigindo a suavidade corporal em seus mínimos detalhes, vai de encontro às condições de funcionamento próprias a um organismo. Em todo caso essa individualidade parece um efeito e um objeto da disciplina, sendo que no uso do exercício, coerção contínua e crescente, o corpo vai se mantendo na linha temporal evolutiva rumo à perfeição ideal.

A cooperação e a ideia de um resultado superior, diante do produto das forças foram as premissas para a criação da tática como técnica disciplinar. As características corporais e as técnicas dos teóricos do século XVIII geraram a arquitetura, anatomia, mecânica e economia do corpo disciplinar.

Possivelmente uma guerra como estratégia, seja uma continuação política, mas a política como técnica de paz também procura pôr em funcionamento um esquema do exército perfeito, garantindo a paz civil.

A estratégia que permite compreender uma guerra, como uma maneira de conduzir a guerra entre os Estados; e a tática compreendendo o exército como princípio para manter a ausência de guerra na sociedade civil.

A história contribui com um sonho de uma sociedade perfeita para os filósofos e juristas do século XVIII.

Ao afirmar que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2004, p. 126), Foucault já explicita que micropoderes perpassam todo o corpo social, acarretando transformações e modificações de condutas nos indivíduos. O corpo social, ao longo dos séculos, se consolida como algo fabricado, influenciado por uma coação calculada, esquadrihado em cada função corpórea, com fins de automatização.

O homem é o principal alvo e objeto do poder, que tem como meta, a tarefa de incorporar nos corpos características de docilidade. É dócil “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Ibid, p. 126). Suas formas de modelagens são dadas através do adestramento, sendo utilizado como uma poderosa ferramenta de controle, que age de forma disciplinadora, considerado como uma das “fórmulas gerais de dominação” (Ibid, p. 126).

Assim, “a disciplina, segundo a genealogia foucaultiana, diz respeito tanto a uma modalidade de poder que se caracteriza por medir, corrigir, hierarquizar, quanto tornar possível um saber sobre o indivíduo” (PINHO, 1998, p. 189). Sob o olhar da disciplina existem técnicas que norteiam todos os processos de modelagem.

4.1. As técnicas de controle disciplinar

Fórmulas pelas quais o poder se exemplifica:

- A) **Escala.** Tem como premissa o trabalho no detalhe, agindo sobre o corpo de modo infinitesimal, exercendo “sobre ele uma coerção sem folga” (FOUCAULT, 2004, p. 126).
- B) **Objeto.** Onde “se faz mais sobre as forças do que sobre os sinais” (Ibid, p. 126).
- C) **Modalidade.** Controle do tempo, espaço e movimento: “coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado” (Ibid, p. 126).

A modelagem dos corpos atribui caracteres de docilidade, tornando o corpo útil e produtivo ao aumentar sua submissão e obediência. Seria, portanto, uma política de coerções, uma ideologia calculada no detalhe que tem como finalidade o controle e modelagem de atitudes, gestos e comportamentos.

Ressaltando que este poder coercitivo se aplica na sociedade de diferentes modos, de formas múltiplas, através “de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repelem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral” (Ibid, p.127).

A disciplina produz, para a modelagem e controle dos corpos, ferramentas que vão nortear todo o processo de construção do poder e normatização das condutas, adotando caracteres para sua aquisição: “constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’” (Ibid, p. 150). Diante destes processos progressivos é retirado cada momento do tempo dos indivíduos, perpassando uma escala gradual e evolutiva em busca do aumento de suas potencialidades, criando assim “uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil, por recorte segmentar, por seriação, por síntese e totalização” (Ibid, p. 145).

A disciplina “visa não somente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (Ibid, p. 127). Portanto, ela fornece subsídios para o aprimoramento das técnicas, aumentando em grandeza diretamente proporcional suas utilidades,

enraizadas em preceitos de docilidade. Seriam, portanto, para Foucault, “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Ibid, p. 126).

4.2. A reprodução das disciplinas:

A disciplina aflora nesta modelagem de condutas revelando-se de diversas formas:

A) Princípio da localização imediata ou quadriculamento

O poder disciplinar cria um espaço analítico para “vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos” (Ibid, p. 131). Meio para se conhecer, controlar, vigiar e também, de “articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias” (Ibid, p. 132), visando a manipulação dos processos para se atingir o resultado eficaz.

Na busca do melhor rendimento e aumento de produtividade, o poder disciplinar parte para o controle das atividades, disciplinando o tempo dos indivíduos: “trata-se de constituir um tempo integralmente útil” (Ibid, p. 137). Criam-se gestos idênticos e repetitivos para aumentar a precisão dos movimentos, aumenta-se a relação de afinidade entre os corpos e os objetos, para a busca do ápice, até sua utilização exaustiva: “o máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência” (Ibid, p. 140). A rapidez é ensinada como uma virtude, uma qualidade tão importante quanto à eficiência.

B) Elementos intercambiáveis com função de esquematizar uma doutrina

Frente a isso o poder disciplinar “individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (Ibid, p. 133). Intenção de criar um conjunto, com funções que se diferem, mas que se regem do mesmo modo (homogêneo), e para um objetivo comum.

A grande ferramenta utilizada pelo poder disciplinar para dissipar sua dominação é o exercício, que dentre algumas de suas características está a de servir “para economizar o tempo da vida, para acumulá-lo de uma maneira útil, e para exercer o poder sobre os homens por meio do tempo assim arrumado” (Ibid, p. 146).

A composição das forças surge com uma proposta de constituir um meio produtivo que vai de certo modo “compor forças para obter um aparelho eficiente” (Ibid, p. 147). Surgindo a ideia

do homem como uma máquina multissegmentar, cuja finalidade é a ação conjunta para a busca de um melhor rendimento.

Este, portanto, se tornou o “ponto chave” da manipulação das condutas (controle do tempo, do espaço e das funções corpóreas), cuja função é a de moldar corpos para fins e objetivos de transformação do homem em “máquina”, tendo como seu combustível o estímulo, para o ápice e a plenitude de funções, buscando a todo custo a melhoria do desempenho. Tornando o homem produtivo, o poder disciplinar o tem explorado para fins de dominação.

5. CAPÍTULO 3 - Dispositivos de controle:

O pensamento de Michel Foucault emerge como um dos mais importantes para a compreensão de saberes que orientam a atualização dos mecanismos históricos de sujeição dos indivíduos nas transformações sofridas pela sociedade contemporânea. Os novos saberes da tecnociência soam também como a possibilidade de organizar os espaços privados e públicos oferecendo novas formas de controle.

Foucault trata com muita propriedade a temática da sociedade disciplinar, em *Vigiar e Punir*, implantada a partir dos séculos XVII e XVIII, consistindo num sistema de controle social através da conjugação de várias técnicas de controle, classificação, vigilância e seleção que se ramificam pelas sociedades a partir de uma cadeia hierárquica vindo do poder central e se multiplicando numa rede de poderes interligados. Onde o poder é visto como uma relação de forças que trafega circularmente em uma teia de poderes e perpassa todos os indivíduos, que ao mesmo tempo são dotados de poder e sofrem sua ação.

O poder não existe isoladamente, mas depende de práticas ou relações de poder que se disseminam por todo corpo social. "Não é algo que se possa dividir entre aqueles que possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem". (FOUCAULT, 1992, p.183).

Em uma sociedade disciplinar e de controle o ser humano é selecionado e catalogado individualmente, não no sentido de ressaltar as capacidades que o tornam um indivíduo único, mas para melhor controlá-lo. O sentido é conhecer o corpo social, transformar esta massa amorfa em pequenas partições, para melhor exercer o poder por meio do controle. Este controle é exercido por meio da visibilidade, isto é, vigiando os indivíduos é possível mantê-los dominados pela ameaça da punição. O poder nesse sentido é exercido de forma celular. Pois como diz Foucault, "toda forma de saber produz poder". Dividir, classificar, conhecer cada célula social para governar. Assim, essa dinâmica de saber-poder produz verdades, que estão profundamente ligadas a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a produzem.

Foucault aponta que a motivação de toda esta rede de controle se justifica pela necessidade que a burguesia teve de efetivar um controle mais determinado sobre as massas, que poderiam representar um perigo explosivo, se fossem levados a sério os ideais da Revolução Francesa e do Iluminismo.

Assim foi feito com a implantação da “tecnologia das disciplinas”. Este poder das sociedades disciplinares, se baseou, segundo Foucault, no modelo do panóptico de Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo utilitarista inglês que idealizou um sistema arquitetônico para as prisões, cujas principais características são: disposição circular das celas individuais, celas divididas por paredes e com a parte frontal exposta à observação, uma grande torre é disposta no alto e no centro de forma que o diretor pode administrar a prisão de maneira a “ver sem ser visto”

O efeito mais importante do panóptico é provocar nos indivíduos um estado consciente e constante de visibilidade que garante a manutenção automática do sistema de poder. Por esse motivo, ao elaborar o modelo do panóptico Bentham deu a orientação de que o poder deveria ser visível e inverificável.

Das regiões superiores do poder, onde o poder é visível na figura do soberano, passa-se para as suas regiões inferiores, onde o poder é anônimo e funcional. O panóptico cria nos indivíduos observáveis uma situação tal que eles mesmos se autovigiam. O sistema de Bentham acrescenta ao poder um dispositivo que o automatiza e desindividualiza. “Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas”. (FOUCAULT apud MACHADO, 1997, p.14).

A eficácia do poder é transferida da esfera do poder soberano para seu espaço de incidência, isto é, o ambiente de visibilidade a que está exposto o indivíduo. As mudanças econômicas ocorridas a partir do século XVIII “tornaram necessário fazer circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só”. (FOUCAULT, 1979, p.118).

O sistema social organizado pelos princípios do panoptismo pode ser considerado um laboratório de poder. Foucault destaca que: “Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça”. (2002, p.169). Muchail descreve bem a relação entre constituição e aceitação de verdades, o poder e a disciplina nas organizações da sociedade disciplinar de que fala Foucault:

O estabelecimento da verdade pela matriz do exame não se faz pela reconstituição de fatos nem na ordem dos testemunhos, mas pela objetivação do indivíduo e na ordem do que é certo ou errado, permitido ou interdito, “normal” ou não. No mesmo quadro, simultâneos aos poderes disciplinares, instalam-se seus correlatos nas instituições sociais (...) cuja finalidade é o ajustamento do indivíduo, a sua correção, o seu adestramento. (1998, p.63).

A correta disciplina é a arte do bom adestramento. Como diz Foucault, o poder disciplinar é um poder que em vez de se apropriar e de remover tem como função maior "adestrar", para retirar e possuir mais e melhor. Tudo o que foge do padrão estipulado é penalizado, porém diferente do processo penal, a disciplina visa a correção, as punições atuam enquanto exercícios. Toda a conduta é encaixada num grupo classificatório: boa ou má, correta ou errada.

A divisão segundo as classificações ou os graus têm um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar (...) a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando. O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição”. (FOUCAULT, 2002, p.151).

Este processo de controle disciplinar onde é possível ver sem ser visto, manipular e adestrar não visa, como pode-se pensar, a reclusão e exclusão do indivíduo mediante uma punição deliberada, ao contrário, objetiva a inclusão do indivíduo que seja cada vez mais eficiente para o funcionamento do sistema social. Assim a disciplina e a punição devem ser vistas como necessárias ao condicionamento que irá potencializar as qualidades consideradas válidas e importantes. “O panopticon é a utopia de uma sociedade que atualmente conhecemos – utopia que realmente se realizou” (FOUCAULT apud MACHADO, 1985, p.199).

O panoptismo é o princípio geral de uma nova “anatomia política”. O seu objeto e finalidade não são a relação de soberania, mas as relações de disciplina. Desta forma, Foucault observa a formação de uma sociedade disciplinar que atingiu o seu apogeu no início do séc. XX. Essa, a sociedade disciplinar, que se fundamentava na organização dos grandes meios de confinamento, após uma crise começou a ser substituída por um novo

modelo. Constituíam-se novas formas de sociabilidade e subjetividade num momento que se marca pela passagem de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. (MACHADO, 2001, p.13)

Em *Microfísica do Poder*, na parte que versa sobre Poder-Corpo, Foucault define os mecanismos de sujeição do corpo como uma tecnologia. Existe um saber sobre o corpo e um controle sobre as suas forças. Na sociedade de controle, surgem novos mecanismos de vigilância, com autoridade suficiente para tornar o indivíduo incapaz de manifestar reação. A disciplina diminui a resistência que o corpo pode oferecer ao poder e aumenta a força em termos econômicos. O corpo só será fonte de utilização econômica e se torna força útil se for simultaneamente produtivo e submisso. Essa sujeição pode ser calculada e organizada sutilmente. Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante das suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade utilidade são as disciplinas.

A disciplina produz indivíduos, corpos aptos ao seu serviço. Ela pode ser vista como a tecnologia de um poder que adota os indivíduos ao mesmo tempo como artifícios e como instrumentos de seu exercício.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação. (...) A disciplina, arte de dispor em fila, individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2002, p.125).

No panóptico, o controle faz-se por meio da visibilidade total e permanente dos indivíduos. Assim, este dispositivo tornou-se “o paradigma dos sistemas sociais de controle e vigilância total” (MACHADO, 2003). Sobre a garantia do pleno funcionamento do sistema panóptico, Foucault diz que esse poder deve: “adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção”. (2002, p.176). Nas sociedades atuais, o princípio do panóptico continua plenamente ativo, mas agora se exerce nas novas formas de controle implementadas pelas novas tecnologias. A presença destas, traz consigo novas práticas e relações de poder. “No panopticon, cada um, de acordo com seu lugar, é vigiado por todos ou por alguns outros; trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, pois não existe ponto absoluto. A perfeição da vigilância é uma soma de malevolências”. (FOUCAULT, 1979, p.122).

Tradicionalmente, o poder é o que se vê, se mostra, se manifesta e, de maneira paradoxal, encontra o princípio de sua força no movimento com o qual exhibe. (...) O poder disciplinar ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submetem um princípio de visibilidade obrigatória. (...) É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, mantém sujeito o indivíduo disciplinar. E o exame é a técnica pela qual o poder, em vez de emitir os sinais de ser o poderio, em vez de impor a sua marca aos seus súditos, capta-os num mecanismo de objetivação. (FOUCAULT, 2002, p.156).

O poder disciplinar, exercido por meio de coerções disciplinares, garante e mantém a ordem social que se tem hoje. A disciplina enquanto poder invisível assume uma espécie de auto regulação onde os indivíduos são submetidos a uma moral disciplinar que lhes impõe padrões de comportamento e postura e até mesmo modelos de pensamento. “Um direito da soberania e uma mecânica da disciplina: é entre esses dois limites, creio eu, que se pratica o exercício do poder” (FOUCAULT, 1999, p.45). O discurso disciplinar traz uma força que envolve a todos em uma trama de relações de autoridade e submissão, uma norma natural, não uma lei estabelecida pelo Estado de direito, mas uma normatização que afirma a coesão do corpo social.

É preciso entender ainda as quatro operações do saber disciplinar e seus efeitos: “seleção, normatização, hierarquização e centralização. São estas as quatro operações que podemos ver em andamento num estudo um pouco detalhado daquilo que é denominado o poder disciplinar”. (FOUCAULT, 1999, p.217). Em Vigiar e Punir Foucault diz que: “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e a sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”. (2002, p.143).

A vigilância hierárquica consiste em um dispositivo de poder onde a visibilidade a que o sujeito é exposto gera nele uma obrigação com as regras. Um instrumento que ao mesmo tempo em que permite ver leve a efeitos de poder, ficando claro aqueles que devem sujeitar-se a ele.

A sanção normatizadora funciona como um mecanismo penal, com leis próprias e formas específicas de sanção. “A disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal. O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios. É passível de pena o campo indefinido do não-conforme”. (FOUCAULT, 2002, p.149).

Michel Foucault inverte a noção de “continuidade”, corrente nos anos 1960-1970, colocando no circuito do pensamento o conceito de “descontinuidade”, que lhe valeu a atribuição

de um relativismo histórico. Trata-se da presença de um pensamento que precisa articular se contra o discurso filosófico corrente, isto é, contra o discurso marxista e o sartriano.

O poder é pensado como uma questão dos aparelhos e instituições; é o encontro de “relações”, “saberes” e “subjetividades”. O poder é uma constelação que aparece em alguns lugares, apresentando caráter múltiplo e dispersivo. As funções estratégicas do poder, investindo nos corpos e vontades, fornecem elementos teóricos para uma análise do saber. É por isso que o nascimento das ciências humanas deve ser procurado nas relações de poder, que as tornaram possíveis. A economia do poder corresponde a uma economia da verdade e aos seus mecanismos de difusão e dominação.

O estilo foucaultiano recusa o conceito clássico de poder centralizador e localizado no Estado. O seu modo inverso de pensar, ao demolir o conceito e as formas tradicionais do poder, gera efeitos de opinião, levando muitos comentadores a pensarem num anarquismo. A espacialização institucional vai produzir os personagens; os dispositivos sociais são os lugares do poder, no interior dos quais os sujeitos se tornam visíveis, como o negativo da ordem. A História da loucura e O nascimento da clínica analisam, em diferentes épocas, os dispositivos do poder produtores do sujeito ocidental, como o OUTRO - o louco, o Doente.

O poder não possui uma essência determinada, mas pode ser definido como “constelação”. Rudimentos de uma política podem ser encontrados, quando surge a preocupação em indicar as máquinas de poderes, sua produção e os lugares onde se sente sua luz. Um dos alvos de Foucault é o pensamento marxista, cuja ideia de poder está ligada à de centralização do poder nas mãos da classe dominante. Como forma diferente de pensar o poder, Foucault o define como dispersão, localização em lugares particulares - o asilo e a prisão. Existem saídas de poder que circulam no interior da sociedade, lugares, máquinas produtoras de sujeitos, uma vez que o poder está em todo lugar e em todas as coisas.

É preciso ressaltar que a preocupação de Foucault está mais voltada para o caráter da produção singular do sujeito do que para a questão ontológica do poder. O “dispositivo” resumirá a topografia da problemática do poder. A evidência do Estado, como lugar do poder, tende a desaparecer nas investigações foucaultianas, porque o poder como multiplicidade apresenta caráter regional.

Os dispositivos de poder e o corpo em “Vigiar e Punir” época é descrita como disseminação, através das máquinas de poder, nas quais o Estado perde sua substância para uma realidade visível no campo social. O poder instala-se na horizontalidade do sujeito individualizado, modelando seu corpo até à passividade.

3.1. Analítica do poder:

A analítica do poder realiza um duplo movimento: primeiro destitui do Estado o papel de sede do poder; depois, inaugura-lhe um novo lugar. Contra a centralização do poder na forma de Estado, é apresentada uma nova materialização - seu lugar, sua particularidade tem um caráter secundário e subalterno, e pode ser visto no asilo, na clínica, na prisão.

O poder não é assimilável a instituições, porque não existe mais um centro material. Trata-se mais de relações entre indivíduos e classes, indivíduos e instituições, polícia e prisão. As instituições são lugares de intensificação das relações de poder. Embora o poder seja localizável nas máquinas de poder, ele não se reduz a elas.

Foucault fala do duplo aspecto do poder: a parte visível e a invisível. A visibilidade do poder são as instituições, as disposições das máquinas, como formas terminais. O “dispositivo” é aquilo que fica invisível no interior do qual circulam novas intensidades de poder, refletindo a paisagem mental de uma época. O poder é o segundo bloco da obra de Foucault. *Vigiar e punir* é um livro “pleno de alegria, de júbilo que se confunde com o esplendor do estilo e a política do conteúdo” (Deleuze, 1986: 31). Descreve a comédia das punições, as invenções perversas, os discursos cínicos e os horrores minuciosos. O grande suplício de Damien e os esforços fracassados de seus carrascos para executá-lo, a cidade pestificada e seus horrores, presos acorrentados desfilando pela cidade são exemplos de uma violência clássica em sua forma mais extrema. Mais tarde, a nova máquina isolante - a prisão e o confinamento celular - testemunha outra forma de punir. As análises do poder são microscópicas, os quadros cada vez mais físicos, exprimindo “efeitos”, que não visam a estabelecer uma relação de causa-efeito, mas mostrar que essa microfísica do poder investe no corpo.

Desde a época clássica, o corpo foi descoberto como objeto de poder, que pode ser manipulado, modelado, treinado, que responde e obedece, tornando-se dócil e hábil à medida que suas forças se multiplicam. O século XVII descobriu, não só a dimensão metafísica do corpo, como também o conjunto de técnicas e processos empíricos que controlam suas operações, centralizando na noção de “docilidade” toda uma teoria do adestramento. A Idade Clássica instrumentalizou a tortura física utilizada pelo poder real na objetivação do criminoso, produzindo um duplo efeito: primeiro, inspirar medo e respeito pelo poder; depois, incitar a revolta da multidão. O século XVII

inaugurou novos métodos de controle minucioso do corpo, através de uma coerção ininterrupta, velando mais sobre os processos de atividades que sobre seus resultados, esquadrinhando ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos.

Os métodos disciplinares foram se tornando fórmulas gerais de dominação. Uma “anatomia do poder” define o poder que se pode ter sobre o corpo, aumentando “as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuindo essas mesmas forças (em termos políticos de obediência), (...) a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (Foucault, 1987: 127). Foucault assinala a inauguração de uma análise microscópica do poder, investindo nas técnicas minuciosas e detalhadas sobre o corpo e que se estende ao corpo social por inteiro. Foucault não retoma a análise do poder como processo de totalização, centralização, mas como transversalidade, sugerindo o abandono de certo número de postulados que marcaram a posição tradicional da esquerda: propriedade, localização, subordinação, essência ou atributo, modalidade, legalidade.

A disciplina não pode ser exercida sem uma cumplicidade com o ativo, o orgânico. O corpo, preparado para a docilidade, opõe-se ao poder e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. A docilidade só poderá ser obtida, se for dada uma atenção especial às forças e às operações específicas do corpo; não se pode circunscrever o adestramento dócil apenas a um dispositivo mecânico e passivo.

Mais uma vez, Foucault inverte a ótica que analisa negativamente o poder; é preciso abandonar o uso de expressões que indiquem exclusão - “reprimir”, “recalcar”, “censurar”, “ocultar”; é preciso inverter as tonalidades, passar do mecânico ao orgânico, do negativo ao positivo. O corpo dócil torna-se hábil, eficaz, rentável, porque constrói, realiza. Uma potência do corpo existe nessa “economia positiva”, onde coação não é mais sujeição.

Vigiar e punir é o relato das formas que produziram o indivíduo, tornado normalizado por um poder maior que ele. Ainda estamos no espaço da violência, do jogo de forças, das estratégias, no qual o poder, disseminado nas múltiplas formas institucionais, afirma-se através de dispositivos disciplinares, produzindo sujeitos “sujeitados” na história da modernidade. É preciso esperar o aparecimento da tríade História de sexualidade e os cursos do Collège de France para ver resplandecer a liberdade, não mais como fenômeno de resistência a um poder modelador e produtor

de individualidades, mas “liberdade”, como coragem no ato mesmo do dizer verdadeiro, do sujeito ético ligado à sua própria identidade pelo “cuidado de si”. As referências ao sujeito “resistente” em Vigiar apresentam-se como oposição à sujeição, à lei, à sociedade, à linguagem, à ordem, à família, à educação. Aqui, a liberdade - definida como desenvolvimento selvagem, natural e instintivo, brutal e limitado guarda todas as características que a separam dos atributos das forças da civilização.

Permanece, portanto, a dicotomia civilização/selvagem, marcando a separação e a exclusão dessa liberdade anti-social que precisa ser normalizada, para ser enquadrada, dominada em seus impulsos mais instintivos e destruidores. A liberdade, como forma de reação, rebeldia, indisciplina e luta, é ainda resistência aos aparelhos de poder, permanecendo na esfera das táticas e estratégias do poder político. A história do presente e de nossa identidade foi formulada como relação saber-poder na sociedade ocidental, produzindo o sujeito objetivado, ainda dentro da esfera das relações políticas, no eixo do poder.

A questão da resistência, transgressão e revolta não é objeto de vigiar e punir; sua finalidade não é avaliar as possibilidades de revolta ou de autonomia, nem procurar nenhuma força interior oculta na vertente mais pessoal do corpo. O que importa é mostrar a onipresença “invisível” das práticas disciplinares. A tática disciplinar age sobre o corpo, para estabelecer com ele uma ligação coatora, entre uma aptidão desenvolvida e uma dominação aumentada, provocando uma imediata contrapartida: a servidão. As práticas disciplinares não tocam o corpo, como a corda e a estaca que sustentam a árvore da imagem-símbolo; elas se distanciam, mais do que se aproximam; distinguem-se, mais do que se misturam. A tática disciplinar do “panóptico” é a repartição, a homogeneização dos corpos, acompanhados pela constante permanência do “olhar”. O poder, tornando-se “incorporal”, é o mais violento, porque suas figuras orientam sem tocar e sem entrar em contato direto com o corpo; seu procedimento coloca em prática a “interiorização” de suas normas e regras. O “incorporal” está no centro dos procedimentos disciplinares, como exigência e fim. A vigilância e a punição não pretendem outra coisa que uma “realidade sem corpo”, que é uma história da alma moderna (Vigarello, 1992: 200).

Vigiar e punir desmistificou a filosofia das Luzes, opondo, ao pensamento reformador do século XVIII e à humanização aparente dos castigos, uma economia do poder de punir e o jogo complexo e múltiplo dos poderes; deixando também, na franja de um questionamento

político sobre a prisão, a preocupação atual do grande avanço dos dispositivos de normalização com toda a extensão dos efeitos de poder, na produção de novas objetividades. A grande rede carcerária foi o modelo para a difusão do normativo para a sociedade inteira.

O processo de individualização é produto do adestramento, da universalidade da norma, da observação vigilante do panoptismo. Saber-poder são as duas faces de um mesmo processo que produz o sujeito normalizado, não só na rede carcerária, como na arte de educar ou curar, na empresa, fábrica, exército, onde a técnica do “exame” molda o indivíduo que se torna “objeto” de um conhecimento possível, ocorrendo intensificação de dispositivos de normalização e necessidade de novas regras estratégicas.

6. Considerações Finais

Após a discussão anterior no decorrer da monografia, evidenciada toda a vivência do portador da Síndrome de Tourette, podemos considerar as dificuldades enfrentadas pelo portador sendo explicadas por fenômenos relatados por autores da Filosofia e Sociologia que revelam que o fenômeno chamado de normalidade é um evento datado onde aponta filósofo Michel Foucault. O interesse sobre esta questão veio ao observar que na cultura digital vários influenciadores digitais tinham a Síndrome de Tourette de modo ocultado e lentamente a discussão que até então era reduzida apenas por gestos repetitivos tendo caráter de humor e caracterizado por uma deficiência na face e no corpo com as leituras introdutórias deste filósofo pude entender que onde houver a ideia de normalidade será forjado um projeto de regras morais sobre a conduta do corpo. Desta maneira no processo monográfico encontrei dificuldades ao ler termos técnicos desse autor, mas na compreensão introdutória do livro "sociologia da doença e da Medicina" dos autores Phillippe Adam e Claudine Herzlich publicado pela editora EDUSC, 2001 as noções de saúde mental se ampliaram enquanto um projeto político que a sociedade ocidental construiu sobre o entendimento de doença; isto é, a partir de Foucault a doença não é mais uma característica biológica e sim um dispositivo de controle, uma narrativa do discurso e práticas discursivas que atuam sobre o corpo. Esta noção, pude me afinar ao longo dos quatro anos na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, onde transitei no currículo das disciplinas, das técnicas no caso Biotecnologia me aprofundando na dimensão política no campo das humanidades articuladas pelos professores do labform. Portanto acredito como futuro técnico em Biotecnologia na atuação do mercado terei uma outra sensibilidade que colocará o serviço das técnicas para as ferramentas da ação humana. Assim como princípio norteador o conjunto de disciplinas hoje formam um técnico humanista.

REFERÊNCIAS

ANDREW GOTTLIEB, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (ED.). O primeiro da classe, 7 dez. 2008.

GONÇALVES, SILVA, ESTEVAM. Síndrome de Tourette e terapia cognitivo-comportamental: um estudo de caso, IN: revista brasileira de terapias cognitivas, 2021.

MACHADO, Roberto. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Edições Graal, 1981.

NUNES, PORTO. O normal e patológico: relações de poder em Michel Foucault, IN: revista Apoena, p.19 à 31, 2022.

RODRIGUES, SANTOS. Síndrome de Tourette traz implicações sociais significativas aos pacientes, IN: Brazilian Journal of Development, p.2, 2021.

SACKS, Oliver. O homem que confundiu sua esposa com um chapéu. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. ISBN 9780673976505.

Toc Toc. Direção: Vicente Villanueva. Produção: Mercedes Gamero Mikel Lejarza Gonzalo Salazar-Simpson. Estados Unidos: Warner Bros, 2017.

VEIGA -NETO, Alfredo; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz; SOUZA FILHO, Alípio. Cartografias de Foucault. 1. ed. Brasil: Autêntica, 2008. ISBN 9788575263600.

MENDES, Joel. COVID-19, FATO SOCIAL PATOLÓGICO E HABITUS: mudanças sociocomportamentais durante a pandemia. IN: Revista Saúde em foco – edição nº12 – ano:2020